EDITORA
UnB

# EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

## Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

**Universidade de Brasília**

**Reitora** Rozana Reigota Naves
**Vice-Reitor** Márcio Muniz de Farias

EDITORA
**UnB**

**Conselho editorial**
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

# Educação infantil em diálogo

## Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

**Etienne Baldez**
**Monique Aparecida Voltarelli**
**(org.)**

Pesquisa, Inovação & Ousadia

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

| | |
|---|---|
| **Coordenação geral** | Thiago Affonso Silva de Almeida |
| **Consultora de produção editorial** | Percio Savio Romualdo Da Silva |
| **Coordenação de revisão** | Denise Pimenta de Oliveira |
| **Coordenação de design** | Cláudia Barbosa Dias |
| **Revisão** | Caio Martins Lopes |
| **Diagramação** | Beatriz Parente Barreto de Abreu |
| **Foto de capa** | Tatiana Syrikova via Pexels.com |

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

*Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.*

*Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.*

# Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

*“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.*
*Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,*
*enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição*
*nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”*
Janusz Korczak

# Sumário

**Prefácio** 15

**Apresentação** 17

## A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

**Interseccionalidade na área da educação infantil:** conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

**A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência:** o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

**Quando o santo de casa não faz milagres:** como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

**Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação** 57
Marcia Cristina Argenti

**A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67**
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

**A dimensão moral da avaliação:** estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

**Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89**
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

**O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99**
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

**Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113**
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

## Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

**Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125**
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

**“De olho na fresta”:** encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

**Gênero e infância:** em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

**Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira** **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

**Geografia e educação infantil:** as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

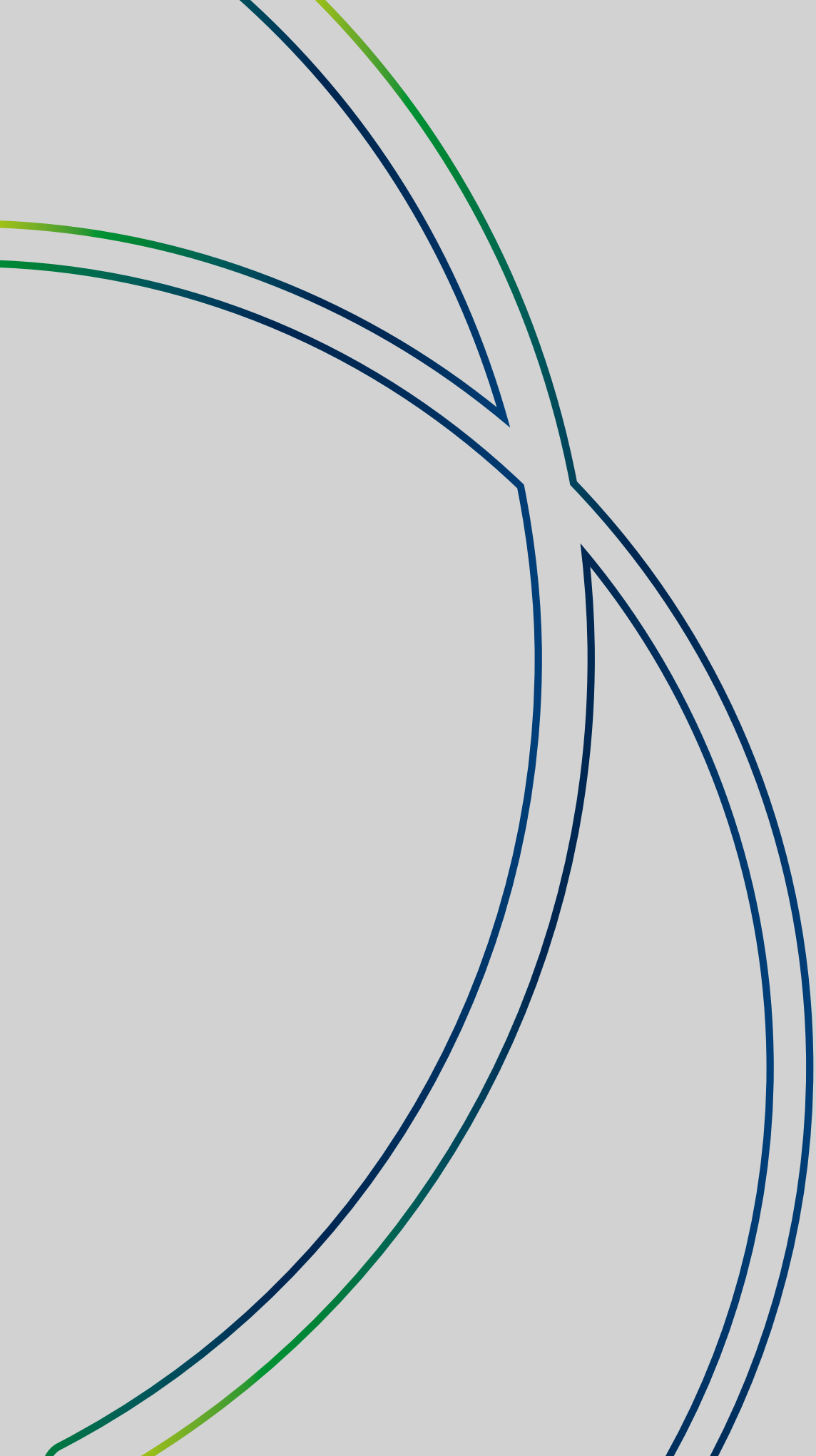
**A infância brasileira em um cenário pandêmico** **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

**Metodologias de pesquisa com crianças:** uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

**Estudos sociais da infância e migrações internacionais:** análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

**Reflexões finais** 213

**Sobre os autores** 217



# A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

# Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação

Marcia Cristina Argenti

Em face das incertezas e mudanças constantes, temos o profissional da educação como aquele que desempenha um papel imprescindível e insubstituível para a socialização dos saberes sociais, culturais e escolares que são intrínsecos à própria construção do conhecimento. Dessa forma, o educador necessita ter uma participação ativa frente às práticas pedagógicas e curriculares que ocorrem no interior da escola e, portanto, precisa de uma formação, tanto inicial quanto contínua, pautada em conhecimento científico, pensamento crítico e reflexão, fornecendo os aportes teóricos e práticos para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do professor, direcionando-o a sua atuação pedagógica. Portanto, para que a escola cumpra a sua função de socializar saberes e produzir conhecimentos, os profissionais da educação precisam estar em processo constante de aperfeiçoamento, construindo a gestão do ensino e da aprendizagem com o debate, a mediação e a intervenção crítica, visando uma escola aberta, democrática e mediadora de aprendizagens.

A sociedade atual exige, necessariamente, uma educação comprometida com mudanças e transformações sociais. Nessa sociedade, encontra-se uma educação que, por ser social e historicamente construída pelo homem, requer como essência no seu desenvolvimento uma linguagem múltipla, capaz de abarcar toda uma diversidade, compreendendo, dessa forma, os desafios que fazem parte do tecido de formação profissional do professor. Essa formação constitui um processo que implica em uma reflexão permanente sobre a natureza, os objetivos e as lógicas que presidem a sua concepção de educador como sujeito que transforma e ao mesmo tempo é transformado pelas próprias contingências da profissão.

Nos posicionamentos de Perez (2020), a educação para a infância nesse contexto emerge pautada em vertentes significativas e situacionais do conceito de infância, e o impacto destes na perspectiva de transformação social desse grupo em suas especificidades na promoção das crianças, nascidas em contextos sociais de desfavorecimento, vendo a ação docente mediatizadora do conhecimento e do ingresso da criança ao mundo objetivo. Já a educação escolar, como patrimônio, traz em seu sistema um conjunto de ações, rotinas e atividades que refletem sua participação nesta sociedade e que sobremaneira contribui para a formação dos

sujeitos que atendem. Na escola, os conceitos e as práticas precisam considerar os conhecimentos socialmente acumulados, tendo como finalidade a formação da pessoa em cidadão, na plenitude da equidade de direitos e deveres que a sociedade estabelece.

O conhecimento é imprescindível nesse contexto, e o educador deve trazer, enquanto característica de sua formação e de sua profissionalidade, as questões que envolvem o contexto social amplo, que versa sobre a sociedade em que estamos inseridos, e a dinamização dos conhecimentos que a escola lhe outorga a compartilhar, difundir e recriar, consubstanciando seu papel de mediador. Essas duas questões dialogam sobremaneira sobre sua própria condição de existir funcionalmente como alguém que reflete sobre como, quando e o que fazer da educação escolar (Perez, 2020), tendo consciência que para muitas crianças pobres a democratização do acesso a essas experiências já se encontra podada e planejada pelo capitalismo, a partir das condições objetivas de sua existência e no cerceamento dos direitos à saúde, à cultura e à imobilidade social (Perez, 2004, 2009).

Nas discussões presentes no texto *Saberes docentes na formação profissional do educador atuante na educação infantil*, de Silva e Perez (2019), entendemos a emergência dos educadores reconhecerem as crianças como sujeitos históricos e sociais, e que entre seus direitos subjetivos há o direito de ser visto, ouvido e ingressado no centro do conhecimento, visto que este é uma ferramenta crucial para o fortalecimento da sua ação e atuação no mundo. É em tal contexto que a escola tem função legitimada na edificação de ambientes, fazeres e saberes educativos, mediada pelas ações docentes, com condição de fundir o conhecimento e o aprendiz, a criança e sua aprendizagem significativa, o sujeito e a possibilidade de avaliar e modificar o seu mundo por meio da recriação do ser social e, gradativamente, da própria sociedade; isto é historicamente possível (Silva; Perez, 2019).

A ação educativa docente se formaliza por meio de uma intencionalidade, seja o professor ciente dela ou não. Entendendo esse docente como ser constituído nas perspectivas, conceitos, crenças e verdades pautadas no ideário dessa conjuntura social, ele vê objetivamente seus pensamentos e ações sendo impactados e impactantes nos determinantes que o constituíram professor.

Assim como o conceito de infância oscila entre interesses historicamente sociais, o ser ingênuo, o vir a ser e o menor de idade, a ação docente também tem oscilado entre atividades de cuidados maternais, dom, vocação e culpabilidade pelos conflitos e fragilidades educacionais, ou seja, como aponta Saviani (2012), ao alertar que se "desloca a responsabilidade pelo fracasso escolar que atende as crianças das camadas trabalhadoras para os professores, escamoteando o fato de que eles também são vítimas de uma situação social injusta e opressora" (Saviani, 2012, p. 28).

Dessa forma, refletir sobre o significado de infância implica compreender os modos de educar que têm acompanhado a criança. Diversos autores no ocidente (Ariès, 1986; Postman, 1999) e, mais particularmente, no Brasil (Boto, 2002; Freitas; Kuhlmann, 2002; Kuhlmann, 2011) têm trabalhado a ideia de que a infância como é entendida hoje surgiu simultaneamente com o sentimento de família e com o desenvolvimento da educação escolar. Se as escolas passam a ser um instrumento de manutenção e formação do sentimento

de infância, o professor passa a ser o agente direto, responsável pela transformação dos discursos instituídos sobre a criança em práticas dirigidas a ela.

Diante do exposto, podemos considerar o ato de educar como uma atividade intimamente relacionada com a apropriação de significados e, portanto, capaz de influenciar o desenvolvimento do pensamento e da consciência individual e coletiva. Os professores, ao realizarem suas atividades institucionalmente constituídas e determinadas, estabelecem um diálogo constante entre os programas pedagógicos e seus sentidos pessoais, que se relacionam com aspectos específicos de sua inserção microssocial. Esse diálogo orienta, portanto, o surgimento de uma prática pedagógica própria, que é orientada, principalmente, pelo significado de infância que os professores compartilham, ou seja, como concebem o que é ser criança, do que ela precisa e de que forma seu papel como profissional da educação pode promover a vivência dessa infância.

No contexto dessas discussões, apresentaremos alguns dados da pesquisa *Morada das infâncias: pesquisa-ação em formação continuada no contexto da educação infantil e ensino fundamental*, de Perez (2020), como forma de socializar esta investigação, que almejou, por meio da pesquisa-ação, mobilizar ações teóricas e práticas em uma rede de ensino e pensar possibilidades de formação continuada na área da infância nos contextos da educação infantil e do ensino fundamental.

A pesquisa-ação desenvolvida teve como objetivo construir um diálogo interdisciplinar sobre concepções de infância, docência e práticas pedagógicas, tendo como base o estudo e ações fundamentadas nos estudos sociais da infância, com ênfase na sociologia da infância, e o estabelecimento de diálogos com a psicologia histórico-cultural. Acreditamos na relevância de abordar, em processos formativos da docência, os estudos da criança e da infância na contemporaneidade, dada a emergência de aprofundarmos a compreensão dos fenômenos a partir de uma reflexão interdisciplinar sobre a constituição histórico-cultural do sujeito, as transformações ao longo do desenvolvimento e as implicações para a educação.

Esta pesquisa-ação foi realizada num período de três anos (2017-2019) e foi desenvolvida com diferentes profissionais da educação de uma rede de ensino pública. No primeiro ano, atuamos de forma direta com gestores e de forma indireta, por meio de um questionário, com uma amostragem de educadores da educação infantil e do ensino fundamental. Nosso intuito foi tecer um diagnóstico da rede, organizar ações de estudo e assessorar a rede de ensino na atualização dos Projetos Políticos Pedagógicos das unidades escolares. No segundo ano, realizamos atividades em conjunto com a equipe de professores da rede de ensino, e nosso foco foi organizar um grupo de estudo e mediar a elaboração das ações de formação continuada em serviço desses profissionais. No terceiro ano, junto aos coordenadores pedagógicos da educação infantil e do ensino fundamental e à equipe de professores da rede de ensino, direcionamos as ações dialógicas para a reflexão e elaboração conjunta de estudos teóricos, análises das práticas pedagógicas, das proposições relacionadas ao planejamento das atividades pedagógicas, da (re)significação dos projetos pedagógicos e das formações em serviço pautadas na indissociação entre teoria e prática

e para a articulação entre os estudos da infância e a valorização da participação social das crianças e a intencionalidade dos processos de ensino pelos profissionais da educação.

O potencial de processos investigativos que auxiliem os docentes a refletir criticamente sobre o contexto educacional ao qual estão inseridos é enfatizado por estudiosos que analisam as possibilidades da articulação entre o ensino e a pesquisa nas práticas docentes (Nóvoa, 1992a, 1992b; Freire, 2011; Zeichner, 2012; Thiollent; Colette, 2014). Esses estudos reconhecem que a pesquisa educacional pode produzir um processo emancipatório de ensino-aprendizagem e formação docente. Nessa perspectiva, compreendida como um princípio educativo, a pesquisa se apresenta como caminho para construção de novos conhecimentos ou como possibilidade de resposta a problemas já estabelecidos.

No trabalho *Saberes docentes e saberes sobre a Infância: a escuta da professora e seus alunos*, de Silva e Perez (2019), discutimos questões da pesquisa-ação realizada no projeto Morada das Infâncias (Perez, 2020) e constatamos que a dinâmica de pesquisa e formação em serviço possibilitou a construção de conhecimentos no/com o professor (e não apenas para o professor). Nessa perspectiva, a formação se centrou na rede de ensino e no comprometimento em modificar as práticas desenvolvidas, no interior de várias instituições e para além delas, definindo processos individuais e coletivos.

Assim, os resultados desse estudo evidenciaram efeitos promissores da pesquisa-ação no desenvolvimento profissional dos docentes, apoiando sua auto-organização na busca de qualificação e fornecendo suporte para a melhoria da qualidade educacional, atendendo às demandas dos docentes, valorizando as práticas colaborativas e ensejando a capacidade de refletir criticamente sobre as infâncias e suas realidades e intervir sobre ela.

Dessa forma, o diálogo entre os estudos da infância e a perspectiva de um posicionamento sobre o processo de ensino-aprendizagem pautado na psicologia histórico-cultural foi se fortalecendo dentro de aproximações conceituais e delimitações epistemológicas, no interior de cada área. De acordo com Perez e Passos (2019), o trabalho pedagógico não deve se circunscrever ao conhecimento espontâneo, ao saber fragmentado ou às considerações do senso comum, mas incidir sobre os conhecimentos científicos, sob as reflexões filosóficas e a experiência estética, legado histórico da humanidade. E, nessa direção, o papel do professor pressupõe uma formação que favoreça uma consciência das determinações e contradições sociais, uma fundamentação teórica coerente a essa premissa e uma satisfatória competência técnica. Consideramos que existe uma relação social específica entre crianças e adultos e professores/as e estudantes no processo de apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos como pré-condição para o desenvolvimento psíquico, pois tais sujeitos encontram-se em níveis diferentes de compreensão (conhecimentos e experiências) da prática social (Perez; Passos, 2019).

Para Perez e Damiani (2017), quando os profissionais da educação tomam consciência que, desde a educação infantil, as crianças aprendem por meio de mediações qualificadas pautadas na apropriação dos conhecimentos e que as funções psíquicas superiores vão sendo construídas a partir desse processo, o educador se distancia de concepções romantizadas e espontaneístas para conceber as vivências da criança e a atuação profissional no ambiente

escolar. Ou seja, tais mediações, considerados os aspectos constitutivos da formação do humano em sua totalidade, intencionalmente planejadas e colocadas em prática, favorecem o desenvolvimento e protagonismo das crianças.

Defendemos que as crianças não se desenvolvem por elas mesmas ou a partir da contemplação ou apenas por estarem na companhia dos adultos. O desenvolvimento exige um processo intencional para a transmissão dos conteúdos historicamente sistematizados, pois, como salienta Vigotski (2010), as relações interpsíquicas e as relações intrapsíquicas se interpõem, constituindo os processos de internalização. Ou seja, se de um lado o patrimônio material é resultado da ação humana, ele também representa condição para humanização. Assim, temos que a transformação das funções elementares (mais imediatas) em funções superiores (ligadas à premissa do trabalho social) é um processo condicionado em que o significado é central na requalificação do sistema psíquico humano, o que se articula ao conceito de mediação, outrora referido, tão necessário na relação entre professor/a e criança, central no espaço escolar.

Acreditamos na relevância da participação das crianças no processo educativo, mas precisamos avançar em direção aos conhecimentos mais elaborados, pois são estes que potencializam o desenvolvimento. Trata-se de uma construção consciente do ser humano e de sua história enquanto sujeito singular e histórico. O alcance da liberdade, da possibilidade de escolha, implica necessariamente engajar-se nessa ação de conhecer-se, responsabilizando-se. E esse posicionamento diz respeito à autoprodução do humano e o compromisso que as gerações atuais têm com àqueles que ainda não conhecem a si e a sua história, num processo dialético e constante.

Os estudos sociais da infância e a sociologia da infância apresentam contribuições no campo de estudos relacionados à infância não só no âmbito educacional, mas no âmbito social, de maneira mais ampla na medida em que lançam luzes às crianças e a suas condições de vida, evidenciando, em muitos casos, cenários de desigualdade social na infância. Infelizmente, muitas leituras dessa área isolam a criança nessa construção social, limitando-se à ideia de que as crianças produzem culturas próprias. Não negamos essa constatação, só a entendemos como restrita para os estudos na área da infância, uma vez que a transposição linear dessas ideias para o campo escolar pode se voltar contra as próprias crianças se o aspecto pedagógico não for o guia, no sentido de garantir o direito de aprender. Não se trata de negar o protagonismo infantil, mas de situá-lo nos contextos sociais e com os adultos. Nossa tese é a de que as crianças vivenciam um processo de apropriação, (re)significação e elaboração da cultura e, por isso, os diálogos com a psicologia histórico-cultural.

Ao refletirmos sobre o desenvolvimento psíquico, também afirmamos que o desenvolvimento humano é passagem do ser biológico ao ser cultural e que as leis que regem o desenvolvimento cultural dos sujeitos precisam estar em evidência no processo de ensino escolar, pois a elaboração de conceitos relaciona-se com o desenvolvimento. Se os dados da pesquisa indicam uma concepção de infância/criança centrada nos aspectos biológicos em detrimento da relação dialética biológico/cultural, ao mesmo tempo em que as crianças são consideradas competentes para conduzir a prática pedagógica e que a participação infantil ganha a cena no contexto escolar de maneira acrítica, que lugar cabe ao ensino e à docência?

Para essa pergunta, reforçamos nosso posicionamento que ressalta que as crianças dependem dos membros mais experientes para se inserirem na cultura e, no caso da escola, dos/das professores/as para ensinar-lhes os conhecimentos essenciais para seu desenvolvimento. Toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos: primeiro no plano social e depois no psicológico; no princípio, entre os homens como categoria interpsíquica e, logo, no interior da criança como categoria.

Na psicologia histórico-cultural, o desenvolvimento não se dá *a priori*: não acontece espontaneamente a partir da interação e participação das crianças. Obviamente, a participação delas precisa ser efetivada no contexto da sala de aula, mas as inúmeras condições que atravessam o trabalho docente expõem os desafios para alcançar essa garantia. No entanto, essa participação não pode prescindir do ensino fecundo, aquele que eleva os modos de pensar, apontado por Vigotski (2001, 2010).

A atividade de ensino escolar, pautada nessa compreensão, se coloca, portanto, como responsável pelo enriquecimento do universo de significações dos sujeitos, o que se processa para além do acesso às dimensões empíricas dos fenômenos e avança ao que é essencial. Há que se eleger, desse modo, conteúdos relevantes e organizá-los adequadamente para que se efetive o desenvolvimento, pois a requalificação das funções psíquicas incide sobre a maneira das crianças de ser e operar no mundo. Isto é, não se trata apenas da contemplação das "culturas infantis", mas de conhecimentos que se proponham à formação de conceitos, que superem os conceitos cotidianos e edifiquem a consciência por exigir e se articular a uma série de funções (percepção acurada, atenção voluntária, memória lógica, comparação, generalização, abstração etc.) que possibilitam o desenvolvimento social das crianças (Perez, 2020).

Conceber o processo de constituição do humano sob a lógica da relação dialética como ponto de partida para a prática educativa contribui para evitar práticas docentes esvaziadas de sua real função no espaço escolar. O objetivo é auxiliar na elaboração de um campo metodológico que considere a criança como ator social e a infância como construção e categoria estrutural para a organização da sociedade. Estabelecem-se relações de proximidade entre as perspectivas da sociologia da infância e da psicologia do desenvolvimento sobre a criança, cujas divergências, quando examinadas além de sua aparência, podem indicar um panorama conceitual para um novo campo nos estudos da infância.

Sarmento (2005, p. 372) propõe uma "análise concreta das crianças como atores sociais" e considera que as ciências modernas estudam a criança em função de sua transitoriedade e dependência do adulto, numa perspectiva linear e teleológica. A forma como sociologia e psicologia convergem ou se distanciam em suas bases, e mesmo a reflexão sobre aproximações e divergências entre as teorias psicológicas sobre o desenvolvimento infantil, pode abrir uma discussão epistemológica organizadora de um novo campo, único e interdisciplinar.

Vigotski (2001, p. 57) compreende que a criança está "mergulhada na cultura, o meio social é constitutivo da pessoa", portanto, o termo internalização trata de um fenômeno complexo e não de um simples deslocamento do plano externo para o interno. Quando Vigotski (2004) propõe avaliar o que a criança consegue fazer com orientação ou em

cooperação (nível proximal) como algo que futuramente será capaz de fazer sozinha, identifica o campo das funções que estão na iminência de passar para o nível real, como um campo de possibilidades, mas não em potencial interno.

Com isso, é possível ver em sua teoria o caráter de imprevisibilidade no desenvolvimento, como resultado da relação social, histórica e dialética da criança. O desenvolvimento iminente não teria um fim determinado, pois nada está determinado, logo, poderia abrir-se para futuros não previstos, considerando mesmo que há uma ação criativa por parte das crianças em suas relações estabelecidas com pares ou companheiros mais capazes, que serão despertadas por atividades-guia. Visto sob essa perspectiva, as ideias vigotskianas sobre zonas de desenvolvimento se aproximariam, mais que distanciariam, das ideias da sociologia da infância.

Os estudos sociais da infância partem de uma concepção de desenvolvimento que se inscreve nas dimensões históricas e culturais da sociedade e propõem uma escola capaz de promover essas interações e, nesse sentido, favorecer a formação de culturas com especificidades do mundo infantil, com sua própria gramática (Sarmento, 2015). O conceito vigotskiano de internalização, como pode ser interpretado, não destacaria uma imposição da cultura com determinações sobre o indivíduo, mas abrir-se-ia para a relevância da ação do sujeito na reconstituição, em um plano intrapsíquico, de um processo que inicialmente se dá na interação social. A escola, em Vigotski (2003), deveria adiantar-se ao desenvolvimento, promovendo atividades coletivas para aprendizagem. Os alcances de desenvolvimento dessas atividades, apesar de terem um objetivo previamente planejado, dependem, em primeira instância, da iminência de novidades no desenvolvimento, na Zona de Desenvolvimento Proximal ou Zona de Desenvolvimento Iminente.

Por seu turno, Corsaro (2011) propõe o modelo de teia circular como metáfora para distinguir sua concepção de outras ideias como as que subsidiam modelos de desenvolvimento pautados por estágios ao longo da vida, discutidos na seção anterior. Nessa teia, há diversos campos que compõem as instituições sociais onde as crianças estão inseridas, sejam elas familiares, ocupacionais, religiosas, como estruturas estáveis, mas em permanente mudança. As crianças são protagonistas e tecem suas teias. A família, no centro da teia, é a partir de onde se ligam outros domínios institucionais com participação das crianças em culturas de pares. Destacam-se nessa metáfora quatro culturas de pares: pré-escola, pré-adolescência, adolescência e idade adulta, que são teias coletivamente tecidas sobre o quadro de conhecimentos culturais e institucionais.

Sendo assim, a interação social, seja com seus pares, seja com adultos, permite que as crianças se apropriem da cultura, acompanhadas por processos de desenvolvimento, e a recriem continuadamente. Corsaro (2011) também compreende que a apropriação do mundo feita pela criança acontece de forma criativa e autônoma em relação à cultura do mundo adulto. A apropriação criativa transforma as informações do mundo adulto em estratégias que respondem às preocupações e necessidades de seu mundo, contribuindo, de forma autônoma, para a reprodução da cultura adulta. É nesse cenário que Corsaro (2011) propõe o conceito de reprodução interpretativa, que focaliza aspectos criativos e inovadores

de participação infantil nos agrupamentos sociais. As crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares e selecionam ou se apropriam de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações.

A ideia de reprodução interpretativa de Corsaro (2011) pode ser relacionada com a ideia de interpretação criativa em Vigotski (2010), que apresenta uma noção de sistema nervoso plástico e dinâmico que, para além de conservar, memorizar e reproduzir, permite a criação e combinação de novas possibilidades. Essa função criadora e combinatória ocasiona novas impressões e reelaborações, a partir de experiências passadas, princípios e abordagens. Assim, as criações humanas são produto de imaginação e criação; os objetos do nosso cotidiano são imaginação cristalizada. Na primeira infância, segundo Vigotski (2010), processos criativos emergem, sobretudo, nas brincadeiras, que se configuram como reelaboração criativa de vivências, combinando-as e construindo novas realidades, segundo seus interesses e necessidades. A fantasia infantil é resultado da atividade imaginativa, tal como acontece na atividade lúdica em que a criança destaca personagens e artefatos do cotidiano, atribuindo-lhes algo característico, de modo a torná-los diferentes do reconhecido anteriormente. A convergência dessas posições aponta para a interação social e a autonomia da criança como marcas dos níveis de desenvolvimento iminentes que não são adquiridas de modo passivo.

Dessa forma, aliados às concepções de criança, os estudos sociais da infância apresentam uma concepção de desenvolvimento como um movimento de transformações, não em direção a algo, mas como resultado das interações sociais estabelecidas entre crianças e entre crianças e adultos. Essas transformações envolvem co-construção, o que implica a ideia de que ao mesmo tempo em que se transforma, a criança transforma os outros e o contexto em que se insere, e ao mesmo tempo em que se insere em rotinas culturais, também produz culturas infantis. O desenvolvimento, assim, não seria determinado em uma dinâmica linear, nem teria um caráter universal pautado por padrões naturais, mas, apesar de envolver mudanças biológicas, é um processo fundamentalmente circunscrito pela cultura. Essa ideia pode dialogar diretamente com as discussões de desenvolvimento como um processo que vai do interpsíquico ao intrapsíquico, na lei genética geral do desenvolvimento de Vigotski. Amparado pelo materialismo dialético, para Vigotski a transformação do biológico em social e o processo de humanização dá-se pela apropriação das condições materiais de existência, que nos precedem, mas essa apropriação não é passiva.

Sendo assim, encerramos nossas análises e reflexões sustentados nesses pressupostos teóricos, aproximando-nos da perspectiva de que a pesquisa é inerente ao trabalho docente e ponderando a necessidade de superar os modelos tradicionais de formação, que desconsideram a realidade dos professores e se distanciam dela, a fim de construir práticas de formação centradas no contexto escolar. Neste estudo, almejamos ter expressado um convite aos estudos da infância e da docência em uma nova dimensão que indissocie teoria e prática, ensino e pesquisa, pesquisador e pesquisados, crianças e adultos.

## Referências

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a renascença e o século das Luzes. *In:* FREITAS, M. C.; KUHLMANN JUNIOR, M. (org.). *Os intelectuais na história da Infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

CORSARO, W. *A Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, M. C.; KUHLMANN, M. (org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

KUHLMANN, M. Educando a Infância brasileira. *In:* LOPES, E. M. T.; FARIA F. L. M.; VEIGA, C. G. (org.). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. *In:* NÓVOA, A. (org.). *Formação de professores e profissão docente*. Lisboa: Dom Quixote, 1992a.

NÓVOA, A (org.). *Profissão Professor*. 2. ed. Porto: Porto, 1992b.

PEREZ, M. C. A. *Práticas educativas da família e da escola e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

PEREZ, M. C. A. Lei 11.274/2006: A Infância brasileira e o primeiro ano do Ensino Fundamental. *Educação e Sociedade*, v. 30, p. 87-98, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/24426. Acesso em: 18 mar. 2024.

PEREZ, M. C. A; PASSOS, L. P. B. O conceito de mediação na Psicologia Histórico-Cultural na compreensão dos processos de aprendizagem. *In:* PICAGLIE, G. B., OLIVEIRA, P., CARVALHO, A. (org.). *Conhecimentos e saberes da Psicopedagogia Clínica e Institucional*. Ponta Grossa: Antonella Carvalho de Oliveira, 2019.

PEREZ, M. C. A; DAMIANI, V. L. Ludicidade e escolarização: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *In:* MATOS, T. N. F. (org.). *A Psicologia em suas diversas áreas de atuação*. Ponta Grossa: Atena, 2020.

PEREZ, M. C. A. *Morada das Infâncias*: pesquisa-ação em formação continuada no contexto da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Relatório de pesquisa trienal. FCLAr-UNESP, 2020.

POSTMAN, N. *O desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da Infância. *Educação e Sociedade*, v. 26, p. 361-378, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 mar. 2024.

SARMENTO, M. J. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceptuais e praxeológicos. *In:* ENS, R. T.; GARANHANI, M. *Sociologia da infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnat, 2015.

SAVIANI, D. Infância e Pedagogia Histórico-Crítica. *In:* MARSIGLIA, A. C. G. (org.). *Infância e Pedagogia Histórico-Critica*. Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA, L. O.; PEREZ, M. C. A. Saberes docentes e saberes sobre a Infância: a escuta da professora e seus alunos. *In:* VII Congresso Brasileiro de Educação: Educação Pública como direito: desafios e perspectivas no Brasil contemporâneo, 2019, Bauru, SP. *Anais do VII Congresso Brasileiro de Educação: Educação Pública como direito*: desafios e perspectivas no Brasil contemporâneo. Bauru, SP: UNESP Faculdade de Ciências, 2019a. v. 1. p. 480-91.

SILVA, L. O.; PEREZ, M. C. A. Saberes docentes: perspectiva teórica da identidade profissional no contexto da Educação Infantil. *In:* Integrap 2019 – Educação na contemporaneidade: desafios teóricos práticos, 2019, Rio Claro, SP. *Anais do Integrap Educação na contemporaneidade*: desafios teóricos práticos. Rio Claro, SP: UNESP Rio Claro, 2019b p. 64-69.

THIOLLENT, M. J. M.; COLETTE, M. M. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 36, n. 2, p. 207-216, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307332697009. Acesso em: 18 mar. 2024.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2010.

ZEICHNER, K. A pesquisa-ação e a formação docente voltada para a justiça social: um estudo de caso dos Estados Unidos. *In:* DINIZ-PEREIRA, J. E.; ZEINCHNER, K. (org.). *A pesquisa na formação e no trabalho docente*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2012.

# Sobre as organizadoras

## Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

## Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

# Sobre os autores

## Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

## Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

## Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

## Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

## Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

## Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

## Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

## Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

## Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

## Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

## Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

## Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

## Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

## Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

## Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

## Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

## Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

## Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

## Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

## Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

## Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

## Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

## Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

## Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

## Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

## Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

## Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

## Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

## Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

## Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

## Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

*Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância* é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia